

Acácio Viegas
Alexandre Baptista
Alexandre Rola
Alfredo Cunha X Vhils
a.menhia
Ana Maria Pintora
Ana Pais Oliveira
Beatriz Narciso
Carla Faro Barros
Conceição Mendes
Cristina Troufa
Daniel Eime
Daniel Lamas
Duarte Vitória
Elizabeth Leite
Gil Maia
Hugo Delgado
João Alexandrino (JAS)
Juan Domingues
Júlio Cunha
Júlio Pomar
Lauren Maganete
Luís Canário Rocha
Manecas Camelo
Manuela Pimentel
Margarida Magalhães
Miguel Neves Oliveira
Pedro Figueiredo
Rafi die Erste
Ricardo de Campos
Ricardo Pacheco
Sandra Baía
Victor Costa
Curadoria | Vasco Quintas

JUNTOS SOMOS HERÓIS

2026



besible

É com muita alegria que hoje vos apresento este magnífico Catálogo, recheado de belas imagens das fantásticas obras de Arte que, num gesto verdadeiramente altruísta e de enorme generosidade, nos foram cedidas por alguns dos melhores artistas plásticos de Portugal.

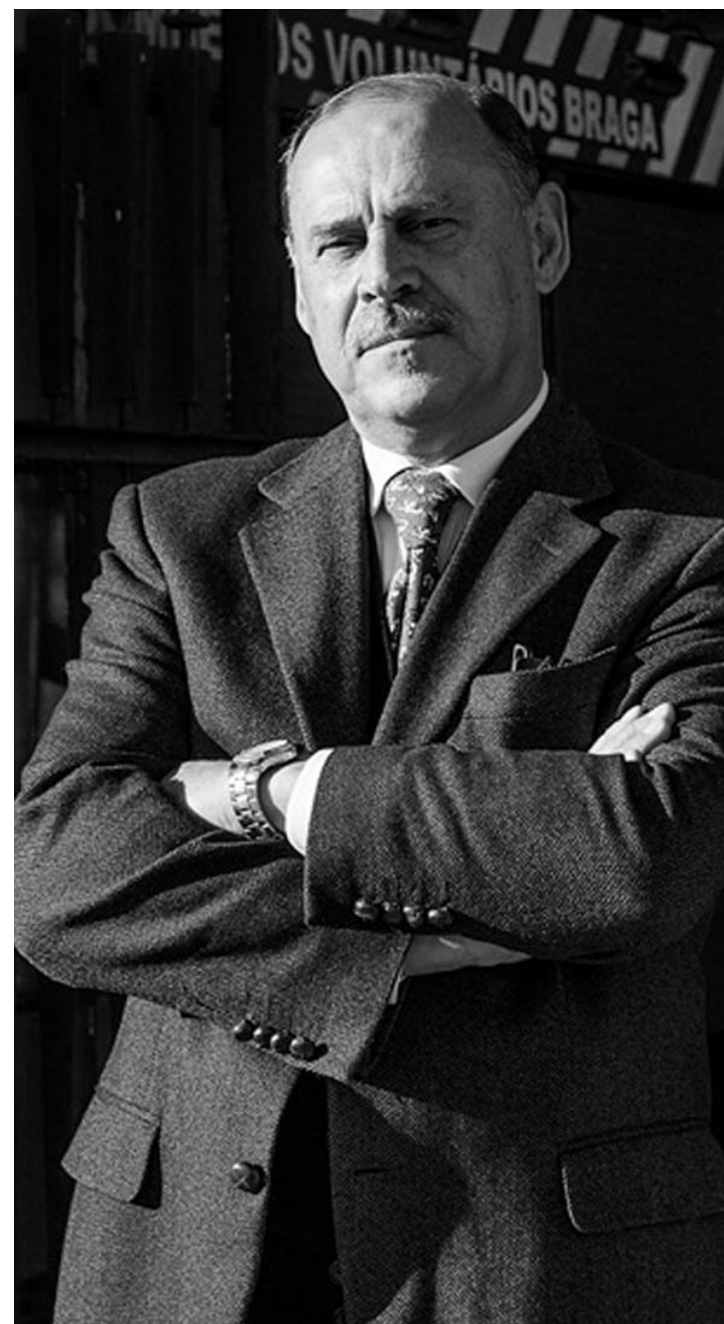
Estas obras destinam-se a ser vendidas, para que, com o montante conseguido, possamos adquirir uns quantos equipamentos de proteção individual para os nossos Bombeiros Voluntários e estes os possam usar sempre que são chamados a missões onde o risco esteja mais presente - e falo não só de incêndios rurais e urbanos, mas também de outras catástrofes naturais, como a que assolou o nosso País há bem pouco tempo e que, como já todos nos vamos apercebendo, serão cada vez mais frequentes e mais devastadoras.

Esta extraordinária coleção de obras de Arte estará patente na exposição que apresentaremos durante a nossa segunda Gala "Juntos Somos Heróis", que um ano mais o Pedro Faria e a sua excelente equipa da Besible entenderam levar a efeito com a dedicação, a coragem e a competência já sobejamente demonstradas na realização da primeira Gala, o ano passado. Mas de facto, termos uma coleção de obras de arte de grande valor como esta tem, só foi possível pela vontade, pelo conhecimento desta área e também pela simpatia e amizade da Cândida Pinto e do Vasco Quintas junto de todos estes grandes artistas plásticos, muitos dos quais produziram estas obras propositadamente para a nossa Gala, o que nos deixa ainda mais orgulhosos e mais agradecidos.


Nesta segunda Gala, apresentada pelo jornalista Ricardo Azedo, teremos a presença dos nossos padrinhos, o escritor Pedro Chagas Freitas e a atriz Sara Norte, teremos muita boa música com Alex Liberalli e Emídio Meireles e num momento particularmente comovente em que fala o coração, ouviremos os testemunhos dos familiares mais próximos de alguns dos nossos heróis com e sem farda, testemunhos estes que de tão genuínos, tão sentidos e tão sinceros nos transportam para um patamar quase sobrenatural e nos lembram que na retaguarda da cada herói, há sempre um outro herói, há sempre alguém que, com e por amor, apoia e conforta, alguém que tantas vezes chora e sofre em silêncio com o receio de que algo de mal possa acontecer, mas que no momento do reencontro transborda sempre de alegria e felicidade. Alguém que, por isto mesmo, é herói também, porque de facto todos podemos ser heróis, cada um à sua maneira.

Em nome desta nossa Associação Humanitária e Beneficente de Bombeiros Voluntários de Braga, o meu mais sincero agradecimento a todos os que tornaram possível esta nossa segunda Gala, que esperamos seja verdadeiramente memorável.

Bem-hajam todos!



CAPITÃO ANTÓNIO MIGUEL FERREIRA
PRESIDENTE DA DIREÇÃO DOS BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS DE BRAGA



Há em mim uma grande vontade de mudar o mundo e um grande sentido de justiça. Sei-o desde uma tenra idade, tendo presenciado a evolução deste chamamento deontológico ao longo destas quase três décadas de vida. Fugir daquilo que somos, da nossa essência, é fútil. Confesso que quando recebi o convite para ser o curador desta edição do leilão solidário de obras de arte contemporânea da gala “Juntos Somos Heróis”, organizada pela Besible em estreita parceria com os Bombeiros Voluntários de Braga, hesitei em aceitar. Nunca tinha aceitado um projeto desta magnitude e questionei-me sobre a minha capacidade de assumir esta nobre responsabilidade. Porém, ouvi um sussurro que me impeliu a aceitar este desafio. Não se trata de mais um projeto de curadoria. Trata-se de fazer aquilo que está certo.


Acredito profundamente no poder transformador da arte, tendo já visto os seus efeitos em várias comunidades e cidades. A arte tem a capacidade de criar pontes, de sensibilizar o espectador para os diferentes temas em debate constante no mundo e para que se tome a ação necessária para iniciar uma mudança real. Assim, tendo a oportunidade de fazer a curadoria deste leilão solidário, estendi o convite a um vasto conjunto de artistas que imediatamente aceitaram participar. Neste grupo de artistas e nas obras que prontamente doaram para esta iniciativa, há uma deontologia comum, uma grande generosidade, bem como um olhar atento sobre o mundo, as pessoas e a vida. Há uma responsabilidade associada a cada uma destas obras de arte que estarão disponíveis para aquisição em leilão.

Nesta intersecção de duas realidades aparentemente díspares, há dois tipos de heróis. Ambos respondem a um chamamento, a um imperativo categórico que já existe dentro de cada um. Os artistas são os alquimistas do espírito dos tempos: tornam o transcendente no imanente, a inquietação em algo belo e digno de contemplação. De uma forma semelhante, os Bombeiros Voluntários de Braga partilham essa vocação. É imperativo sublinhar a palavra “voluntários”. São pessoas que oferecem um pedaço da sua vida a uma causa maior. Que dão sem esperar receber e cujo sacrifício, tantas vezes inglório e invisível, sustenta aquilo que todos tomamos como garantido. Tanto o artista como o bombeiro sabem que não poderiam ser de outra forma. É essa consciência que os torna Heróis. Ao adquirirem uma obra de arte neste contexto, estarão a levar para casa um objeto de valor estético e cultural e a contribuir para que os Bombeiros Voluntários de Braga cumpram ainda melhor a sua missão. Os fundos reverterão diretamente para estes nossos Heróis e serão utilizados na aquisição de equipamento de proteção individual.

Por fim, um agradecimento sentido à Besible, nas pessoas da Cândida Pinto e do Pedro Faria, e aos Bombeiros Voluntários de Braga, na pessoa do Capitão António Miguel Ferreira. Obrigado por fazerem o que está certo e por provarem, mais uma vez, que estes dois universos da arte contemporânea e da missão social se interligam de uma forma extremamente bela. Obrigado por me deixarem fazer parte disto. Juntos somos e seremos Heróis!



VASCO QUINTAS
CURADOR DA EXPOSIÇÃO



Poucas coisas duram para sempre, ou nos prometem a eternidade. Talvez seja por esta nossa insuficiência inata que procuramos vorazmente fazer parte de algo maior do que nós, alcançando com isso pedaços de imortalidade.

“Dentro de cada um de nós, existiam todos os outros” é o título do poderoso quadro de Elizabeth Leite doado para esta exposição, trazendo consigo a lembrança de que continuamente somos escritos pelo passado de outros, e escrevemos o futuro dos que vêm depois de nós. Quem saberá algum dia como mudamos o que este vento soprava, como saber que vidas tocamos? Avançamos como um bombeiro numa mata a arder. Persistimos como um artista sozinho no seu atelier, com a Liberdade a sussurrar de um lado e a Incerteza do outro.

Foi com esta tenacidade que em 2025 avançamos para a primeira edição desta exposição e deste catálogo. Tínhamos a certeza de que queríamos deixar para o futuro o testemunho da generosidade dos Artistas, em reconhecimento do heroísmo dos Bombeiros. É com a mesma vontade que continuamos em 2026.

Todas estas obras carregam em si essa promessa de eternidade que tanto procuramos. Num mundo cheio de prisões e cada vez mais indiferença, os artistas suplantam o medo e a submissão. Nas asas deles, contemplamos o que o mundo poderia ser, se fôssemos menos imperfeitos. As suas trajetórias são testemunho da capacidade humana de acreditar em algo transcendente, belo e ideal.

“Juntos Somos Heróis” homenageia os Bombeiros Voluntários num tributo à coragem através da beleza, da Arte e das histórias. Nesta segunda edição, continuamos a contemplar nestes homens e mulheres a capacidade brutal de abnegação e sacrifício, em prol do Outro, que não sabem quem é... haverá Heroísmo maior?

No caminho de alguém, há sempre mensagens que outros trazem de uma forma que ressoa em nós e que não conseguiríamos formular daquela forma. É essa a beleza da comunidade e de contemplarmos o interior uns dos outros com curiosidade e empatia. Foi com esse assombro e gratidão que percorri as obras desta edição, emocionando-me profundamente com cada uma delas.

Em cada um de nós, existem todos os outros – todos nos trazemos uns aos outros, de vaga em vaga, até ao último momento, em que, olhando para trás, poderemos contemplar quem nos salvou e quem conseguimos salvar. Os bombeiros salvam vidas e os artistas salvam sentido. Ambos trabalham contra o desaparecimento. Como diretora criativa da Besible, e em nome da nossa equipa, é uma honra imensa poder imortalizar ambos – neste evento, neste catálogo, nestas obras e neste dia.



CÂNDIDA PINTO
DIRETORA CRIATIVA DA BESIBLE

"A arte existe porque a vida não basta."

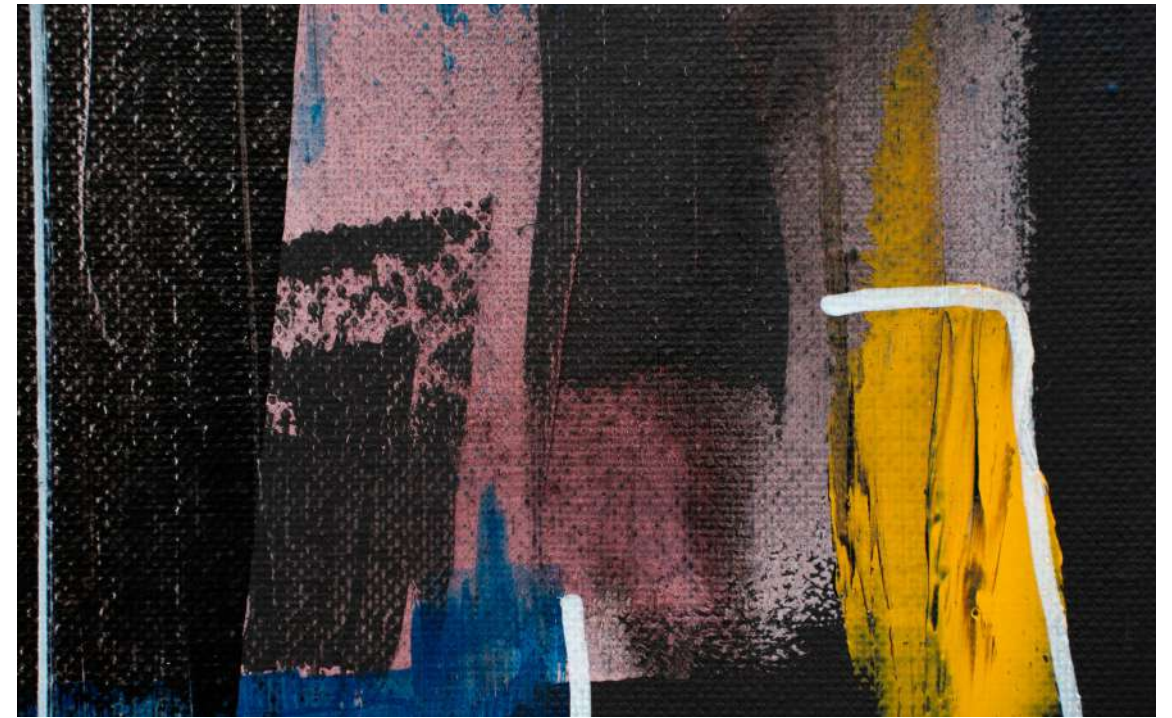
Ferreira Gullar



ACÁCIO VIEGAS

(1976)

A obra de Acácio Viegas cruza pintura, escultura e instalação, com influências do design industrial e da abstração geométrica. O seu trabalho explora temas como consciência, espiritualidade e liberdade, tendo sido distinguido com o Prémio de Artes Plásticas Henrique Silva 2024.



Untitled #C009, 2023

Técnica mista s/tela
148x50cm

800€

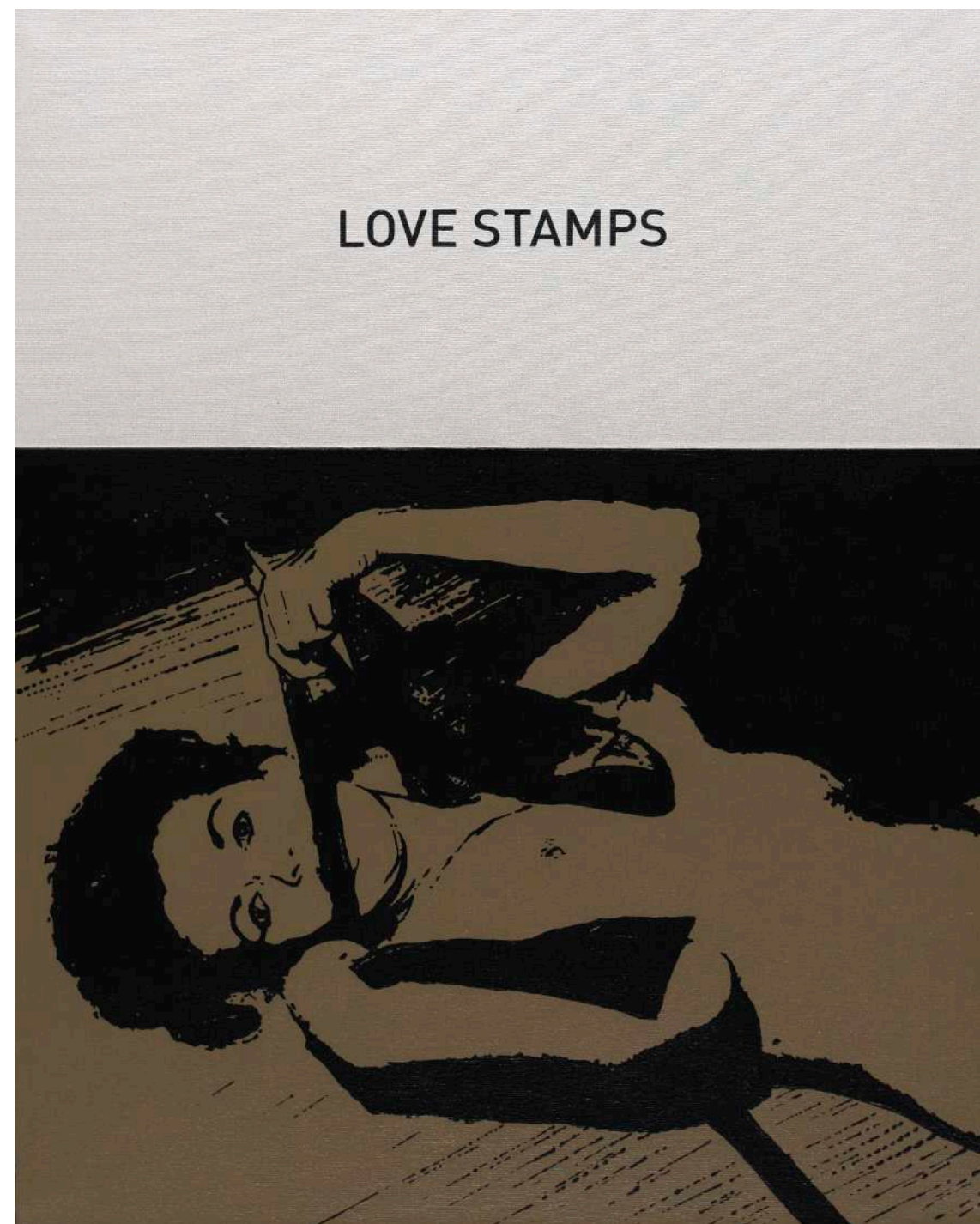
ALEXANDRE BAPTISTA

(1969)

A série "LOVE STAMPS", realizada em 2012, é composta por dez pinturas de pequeno formato que exploram a interseção perene entre a imagem e a palavra — um eixo fundamental no percurso artístico do autor. Partindo da apropriação de fotografias de arquivo, cujas estéticas remetem para o final da década de 50 e o início de 60, estas pinturas operam como objetos de memória e comunicação.

A gênese do projeto assenta na ideia de cada pintura funcionar como um "selo" ou marca postal de uma geografia específica, autenticando uma carta imaginária destinada a uma figura ausente. Acompanhadas pelo "Manual dos Argumentos Afectivos ou Correspondência a uma Amada Desconhecida", as obras transcendem a mera ilustração.

Os textos, organizados em dez cartas enviadas de cidades como Veneza, Berlim ou New York, revelam uma narrativa de desejo, solidão e busca incessante. Ao fundir a frieza do arquivo fotográfico com a crueza sentimental da escrita, o artista oferece-nos um inventário da ausência, fixando na matéria o rasto de uma presença que apenas sobrevive no domínio da memória e do inacabado.



LOVE STAMPS #6, 2012

Acrílico s/tela
50x40cm

1100€

ALEXANDRE ROLA

(1978)

“..gostaria de ver este artista num espaço de maior impacto cénico. Acho que a sua exposição deveria estar permanentemente no Banco de Portugal, no Ministério das Finanças ou em qualquer sítio onde se fale muito de dinheiro.”

Carlos Magno

A natureza do processo criativo de Alexandre Rola assenta na apropriação, descontextualização e reinterpretação de objetos humildes e pouco convencionais existentes do quotidiano como a utilização dos cartazes publicitários que invadem as nossas cidades sem pedir permissão.

Vagueia pelas ruas como um Flâneur, observa, fotografa, rasga e arranca a “pele” urbana constituída por camadas de cartazes publicitários como mapa antropológico, palimpsestos de marcas, intervenções anónimas como na Arte Rupestre. O ato de arrancar cartazes é um protesto por si só. Uma apropriação do real com toda a sua componente sociológica que advém dessa ação, a morte do Narciso contemporâneo. Uma apropriação que desconstrói a publicidade.

Partindo de operações de deslocação, reminiscência dos ready-made, os cartazes contêm o gesto de arrancar em si mesmo. Há, por um lado, uma aprendizagem da matéria e uma preocupação com a história representada no desgaste do material e, por outro, o artista oferece-nos uma visão cúmplice, mas simultaneamente crítica da sociedade contemporânea, diminuindo o fosso entre a arte e a vida.

O artista intervém na superfície de um modo palimpséstico, num jogo de sedução com o acaso, um encontro com o real onde a arte se aproxima à vida. Surge um fundo caótico, onde se formam novas imagens, texturas e incoerências cujo resultado é imprevisível como a vida. Esta fragmentação, segundo o artista, é fundamental para a tensão existente entre o fundo e a pintura.

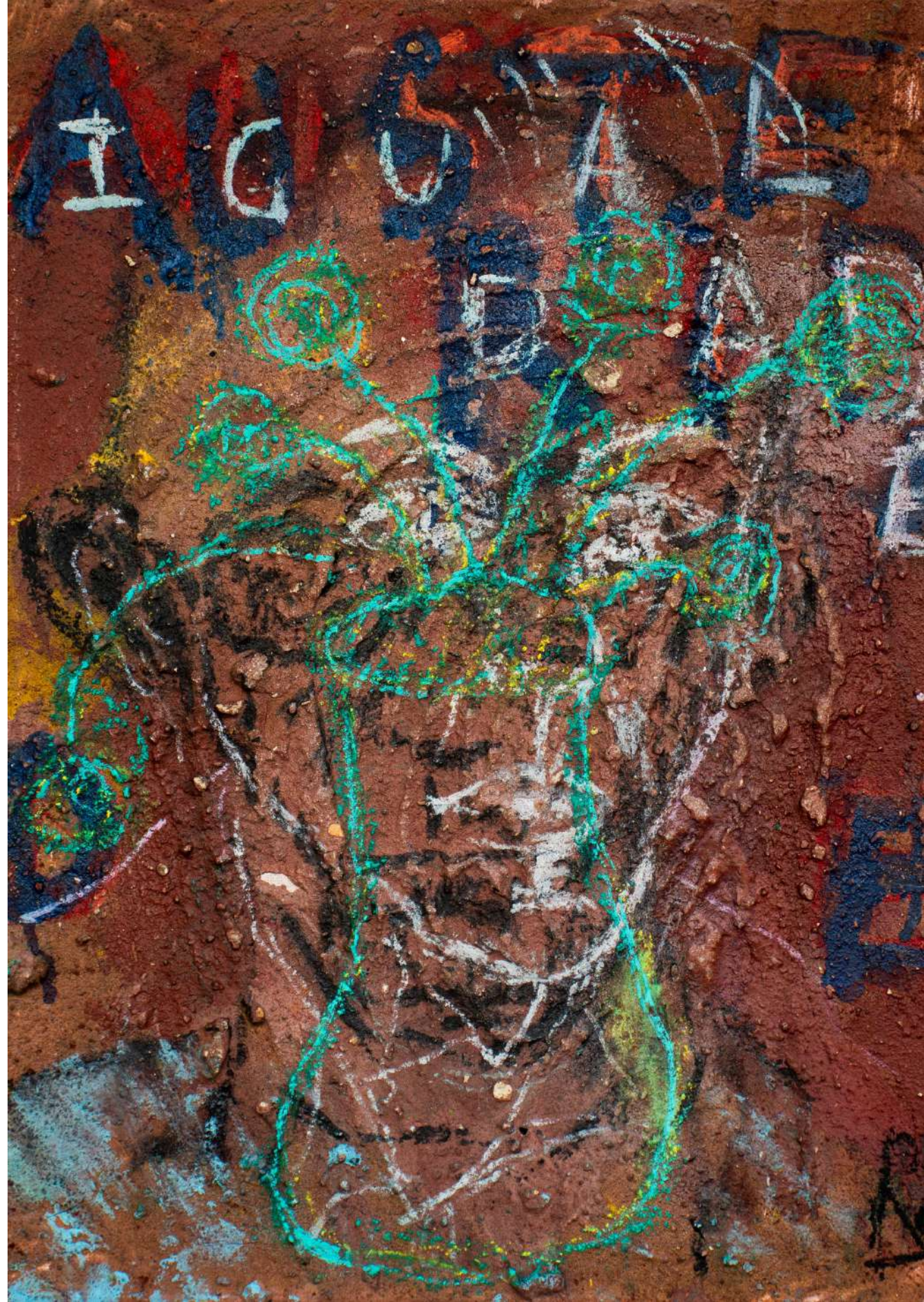
Para o artista, a pintura funciona como catarse e afirmação social. Uma espécie de ampliação do humano num sentido emancipatório e plural, materializado na solidariedade. É uma arte de diálogo, experimentação e apropriação de materiais pobres em que, à primeira vista reflete o caos e que, ao mesmo tempo, nos torna mais humanos.

O palimpsesto da resistência, 2026

Técnica mista s/tela

50x40cm

800€



ALFREDO CUNHA ALEXANDRE FARTO (VHILS)

(1973 | 1987)

Com dupla assinatura de Alfredo Cunha e Alexandre Farto (VHILS), esta obra foi produzida a partir de uma fotografia da autoria de Alfredo Cunha, tirada em Lisboa no ano de 1975, e execução no Vhils Studio em cartão no formato 50x70, em 2024, por ocasião dos 50 anos do 25 de Abril.

Alfredo Cunha é um dos mais reconhecidos fotógrafos portugueses, conhecido pelo seu trabalho de fotojornalismo e pela documentação visual da Revolução de 25 de Abril de 1974. Ao longo de décadas, construiu um vasto arquivo sobre a vida política, social e cultural portuguesa, distinguindo-se pelo olhar humanista e documental.

Vhils, nome artístico de Alexandre Farto, é um artista urbano português reconhecido internacionalmente pelas suas intervenções em paredes e fachadas, onde esculpe rostos através da remoção de camadas de materiais. A sua obra explora temas como identidade, memória e transformação urbana, tornando-se uma referência mundial da arte contemporânea de rua.

*Manifestação dos Trabalhadores - Lisboa, Verão
de 1975, 2024*

Serigrafia em papel
Tinta serigráfica, tinta Quink, alvejante e ácido
Acabado à mão
70X50cm
Edição: 10 exemplares
1500€



A.MENHIA

(1963)

a.menhia nasceu na Alemanha e é formada em moda e, atualmente, vive e trabalha no Norte de Portugal. Entende explicitamente a pintura como "liberdade absoluta" – como um distanciamento da realidade visível, permitindo que as sensações sejam imediatamente traduzidas em cor, forma e ritmo.

As suas telas são, portanto, poemas visuais nos quais ordem e caos, leveza e tensão são mutuamente dependentes.

A artista trabalha quase exclusivamente com tintas acrílicas, que aplica como um impasto com espátula e esponja; em seguida, carimba números e letras à mão para sugerir transitoriedade, burocracia e sistemas de valores monetários, que às vezes parecem valer mais do que a humanidade.



neblina, 2026
Acrílico s/tela
90x60cm
360€





ANA MARIA PINTORA

(1959)

Pintura - Assemblage, 2020

Papel feito à mão no Museu do papel Paços e

algodão puro

121x64x4cm

500€

Ana Maria Pintora nasce em Lisboa, em 1959.

Em 1982 conclui o curso de Filosofia na Faculdade Letras do Porto, iniciando a sua atividade como docente. Ao mesmo tempo, começa a sua carreira artística em diversos domínios das Artes Visuais.

Tem colaborado na área da animação com a comunidade, na vertente artística com a Ipss-Semente do Futuro, com as Câmaras Municipais de Arouca, Santa Maria da Feira, Chamusca, Espinho e Vila Nova de Cerveira.

Em 2016, realizou com artistas japoneses diversas performances em Tóquio, Nagoia, Suzuca, Osaka e Kioto, e realizou uma exposição individual "letters to tóquio" em Earth Gallery-Kiba - Tóquio.

ANA PAIS OLIVEIRA

(1982)

Ana Pais Oliveira vive e trabalha em Espinho. Licenciada e doutorada em Pintura pela Faculdade de Belas-Artes da Universidade do Porto, desenvolve uma prática artística centrada na relação entre cor, espaço pictórico e espaço arquitetónico. É artista residente no FACE – Fórum de Arte e Cultura de Espinho desde 2016 e investigadora colaboradora no Instituto de Investigação em Arte, Design e Sociedade.

O seu trabalho tem sido distinguido internacionalmente, destacando-se o Kunstpreis Young Art Award, em Zurique (2014), o primeiro Prémio no XLIX Concurso Internacional de Pintura Homenaje a Rafael Zabaleta, em Espanha, e a integração na seleção portuguesa da Bienal Jovem Criação Europeia 2013/2015. Em 2022, foi finalista do BBA Artist Prize, em Berlim. Participou ainda em exposições, prémios e projetos internacionais em países como Portugal, Espanha, Reino Unido, Suíça, França, Alemanha, Itália e Brasil.

A sua obra foi apresentada em instituições e eventos de referência ligados à arte contemporânea e à investigação da cor, incluindo o Munsell Centennial Color Symposium, em Boston, e projetos de colaboração com arquitetura e design, como a instalação site specific realizada para o Vinha Boutique Hotel, no Porto. Está representada em coleções públicas e privadas em Portugal e Espanha, entre as quais o Museu Zabaleta, a Fundação Focus-Abengoa, o Banco BPI e o Museu Municipal de Espinho.

Try to breathe #3, 2020

Acrílico s/tela
24x24cm

300€



BEATRIZ NARCISO

(2001)

Nascida em Lisboa, Beatriz Narciso formou-se em Realização Plástica do Espetáculo na Escola Artística António Arroio (2019) e licenciou-se em Artes Plásticas na ESAD Caldas da Rainha (2022). Trabalha no espaço multidisciplinar Safra (safra.lx), no Lumiar.

Vencedora da primeira edição da WAF - Women in Art Fellowship (2025), apresentou o projeto vencedor na exposição individual "Sótão", na Sociedade Nacional de Belas Artes (2026). Expôs também individualmente em "Deixemos que a Noite nos Abraça e Ilumine o Nosso Olhar" (Little Chelsea Experience, cur. Céline Couvreur, 2025) e "Mnemis Nostos" (Marvila Art District, cur. Alina de Oliveira, 2023), bem como coletivamente na X Bienal Jovens Criadores CPLP (2024), entre outros.

A obra descreve um momento de preocupação inócua entre jovens e sem certezas do começo. Em último plano, a visibilidade do café é mais nítida do que os próprios, de modo a mistificar o sucedido. No entanto, a presença de certos elementos, enaltecidos pela luz e cor, são pormenores necessários para a interpretação do acontecimento.



Uma daquelas noites, 2025
Acrílico e óleo s/linho
70x60cm
800€



CARLA FARO BARROS

(1969)



Carla Faro Barros desenvolve uma prática artística centrada sobretudo na pintura, explorando linguagens abstratas e simbólicas que convocam a percepção, a natureza e os estados emocionais. Através de uma pintura marcada pela expressividade do gesto e por uma forte sensibilidade cromática, a artista constrói atmosferas visuais de grande intensidade poética e contemplativa.

Nascida no Porto, em 1969, iniciou o seu percurso académico na área da Engenharia Mecânica, na Universidade do Porto, antes de se dedicar às artes visuais. Concluiu o Bacharelato e a Licenciatura em Pintura na ESAP – Escola Superior Artística do Porto, onde aprofundou a investigação em torno da pintura contemporânea e da abstração.

Paralelamente à sua atividade artística, integra a direção da Associação de Gravura do Porto – Matriz, contribuindo para a dinamização e promoção das práticas artísticas ligadas à gravura e às artes visuais em Portugal.

Zeca bitaites e a garça real, 2026

Tinta da China s/papel
30x30cm

300€



CONCEIÇÃO MENDES

(1947)

Conceição Mendes nasceu em Angola, reside e trabalha na Figueira da Foz. Licenciada em Pintura, Mestre em Comunicação Estética; Licenciada em Educação do Ensino Básico e Formação em Decoração de Interiores e Artes Decorativas. Participa e colabora regularmente em Bienais de Arte e projetos diversificados no âmbito das Artes Plásticas.



Detentora de vários prémios e menções honrosas na área da Pintura em Portugal e no estrangeiro, foi selecionada para os “Cem Melhores Artistas Portugueses” pela Debut Contemporary Art, London-Portugal Now entre centenas de concorrentes. Está representada em inúmeras Instituições e coleções particulares em Portugal e no estrangeiro.

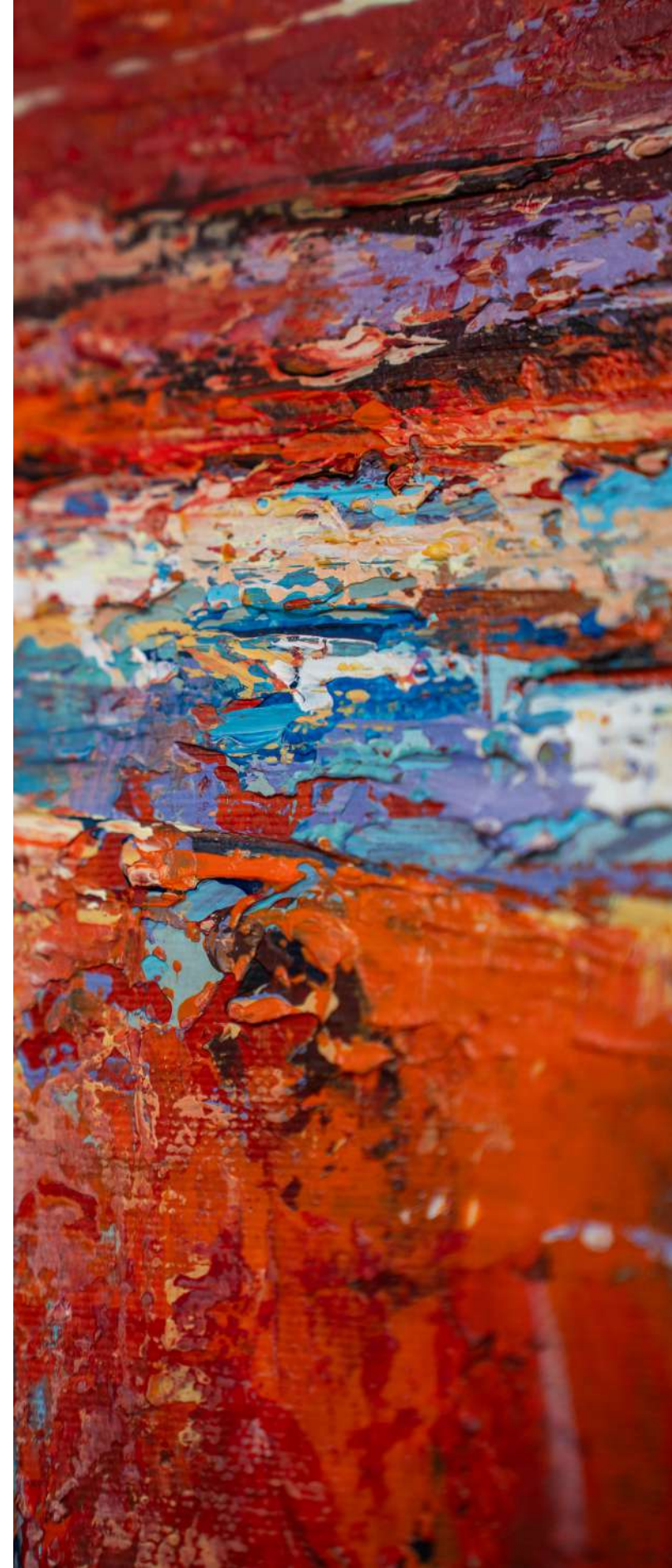
Nesta Obra, o espaço/lugar não é descrito – é analisado e atravessado por um processo de desconstrução simultaneamente geográfico e emocional. A paisagem surge assim despojada da sua estabilidade aparente, as formas fragmentam-se, os horizontes dissolvem-se e as referências reconhecíveis tornam-se instáveis.

No decorrer do processo constrói-se uma linguagem onde o lugar já não é reconhecível mas antes um lugar em permanente transformação. O gesto pictórico atua como instrumento de mudança entre o que é observado e o que é sentido. O espaço deixa assim de ser exterior para se tornar também interior e emocional. A desconstrução apresenta-se aqui como um modo de aceder à estrutura íntima da paisagem, libertando-a das suas convenções e abrindo-a a novas leituras.

Atmosferas #44, 2023

Acrílico s/tela
70x80cm

500€





CRISTINA TROUFA

(1974)

Cristina Troufa nasceu no Porto, licenciou-se na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto e é mestre em Pintura. Desde 2018 dá formação nos Cursos de Formação Contínua na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto. Cristina Troufa participa em exposições coletivas e individuais desde 1995 em Portugal, Itália, Espanha, Austrália, Canadá, Dinamarca, Escandinávia, Taiwan, França, Inglaterra e EUA. Em 2021 foi artista convidada na exposição "Women Painting" no Museu Europeu de Arte Moderna em Barcelona. Em 2014, 2016, 2018 e 2025 foi artista convidada na "Bienal de Arte Contemporânea de Salerno", Itália. Em 2015 foi artista convidada e membro do júri na seleção de artistas portugueses do projeto "PortugArt", em Londres.

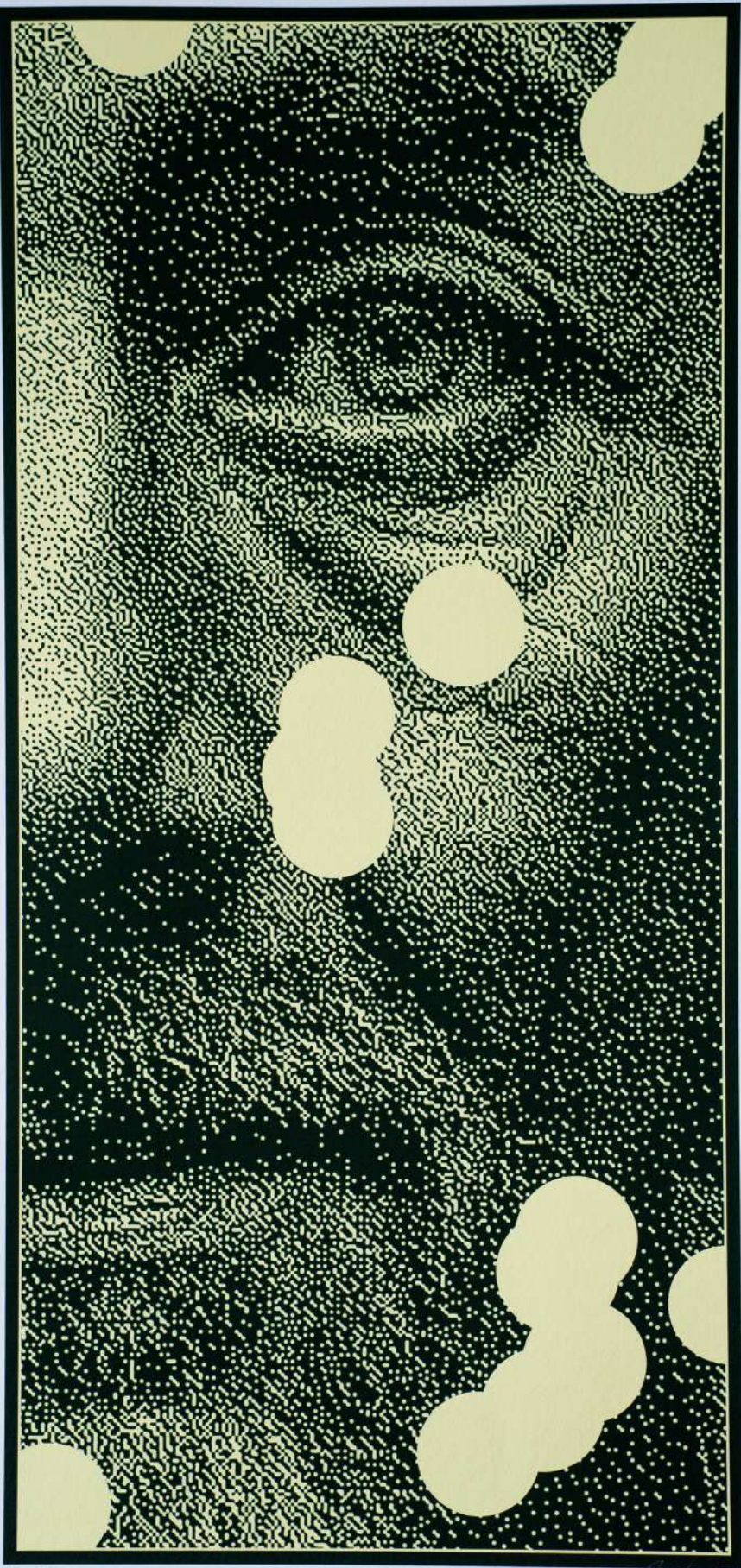
A sua obra está presente em coleções de arte públicas e privadas tais como: Liberty Seguros, Museu Municipal de Espinho, FBAUP, FADEUP, MAEDS, Centro Cultural de Cascais e Centro Cultural e Congressos de Caldas da Rainha e ilustra diversos livros e revistas nacionais e internacionais. A sua obra procura consolidar a ideia de autorretrato e, ou autorrepresentação, refletindo conceptualmente sobre um processo interior espiritual, emocional e psicológico.

Comi da maçã, 2026

Guache s/papel
23x23cm

350€

CRISTINA TROUFA



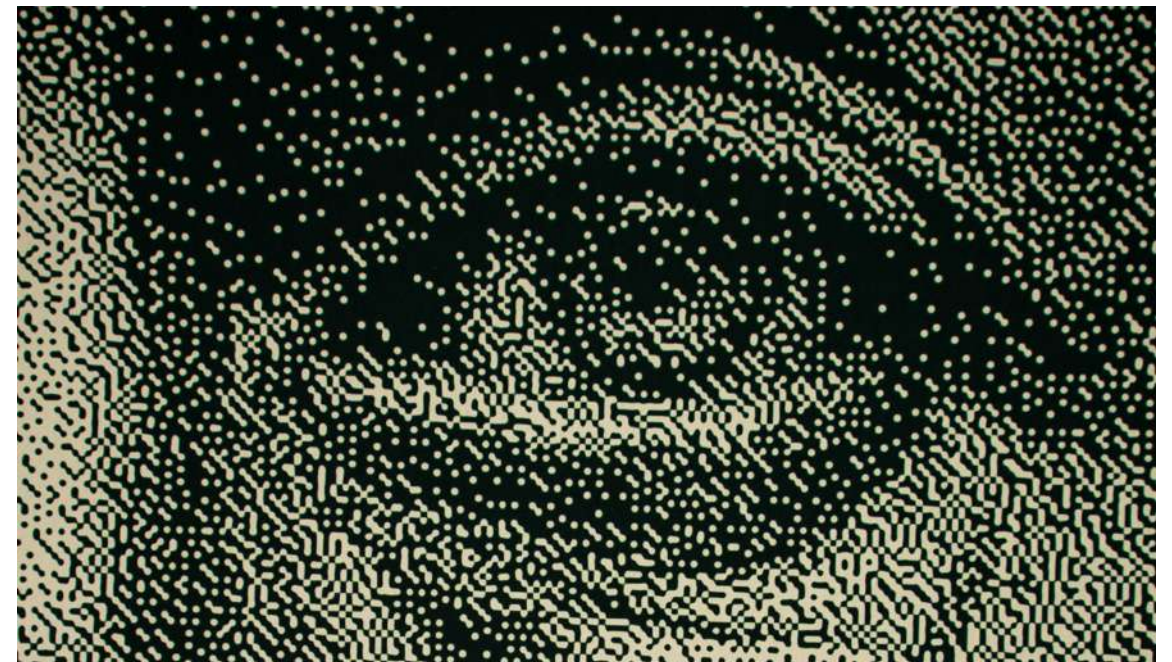
DANIEL EIME

(1986)

Daniel Eime é um artista visual português, nascido em 1986 nas Caldas da Rainha. Licenciado em Cenografia, trabalhou durante vários anos como cenógrafo, sobretudo em projetos de teatro, cinema e publicidade.

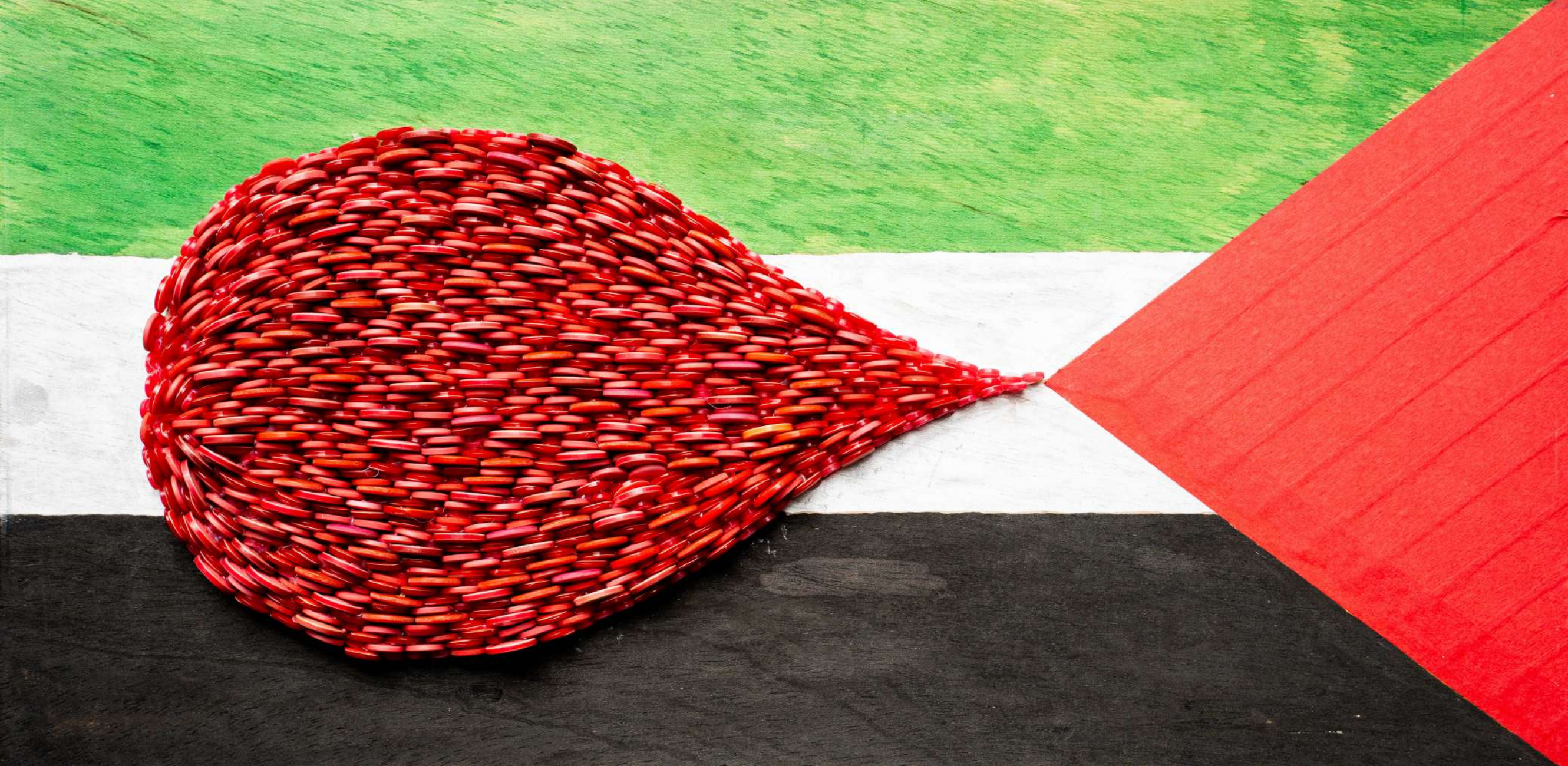
Em 2011 abandonou a área da cenografia para se dedicar exclusivamente à pintura e à arte pública. Desde então, desenvolve trabalhos maioritariamente através da técnica de stencil, sendo reconhecido pelos seus murais de grande escala e pelos retratos de elevada minúcia técnica.

O seu trabalho centra-se frequentemente em rostos comuns e quotidianos, combinados com elementos abstratos e geométricos. Nas suas obras, Daniel Eime explora o lado mais misterioso e íntimo de cada indivíduo, onde cada linha dos seus retratos parece revelar fragmentos de histórias de vida, conduzindo o observador para um espaço simultaneamente individual, emocional e memorial. É cofundador da plataforma artística MauCriado. Vive e trabalha no Porto, Portugal.



TERRA, 2025

Impressão Giclée sobre
papel PC Velvet 270g/m²
60x30cm
Edição Limitada, AP 2/2
200€



DANIEL LAMAS

(1978)

Portuense, de raízes transmontanas, cresceu em Amarante, formando-se em Engenharia Civil, e desde 2021 desenvolve peças nas quais usa botões como "tinta", tirando partido das suas formas, cores e inusitadas texturas. Garante tridimensionalidade às obras com botões, objetos que desde cedo lhe captaram a atenção, presentes em abundância na casa da avó Camila, na aldeia de Santa Comba da Vilariga.

Sangue sem pátria, 2025

Colagem botões
60x30x4cm

400€



DUARTE VITÓRIA

(1973)

Duarte Vitória nasceu em Portugal em 1973 e vive e trabalha em Penafiel. Licenciado em Artes Plásticas – Pintura pela ESAP – Escola Superior Artística do Porto, desenvolve uma prática artística centrada na pintura contemporânea, explorando dimensões emocionais, simbólicas e existenciais da figura humana.

Ao longo do seu percurso realizou numerosas exposições individuais em Portugal e no estrangeiro, destacando-se apresentações em cidades como Nova Iorque, Londres, Paris, Madrid, Toronto, Lisboa e Porto. O seu trabalho integra também diversas exposições coletivas e feiras internacionais de arte contemporânea, consolidando uma presença regular no circuito artístico europeu e norte-americano.

A sua obra encontra-se representada em coleções públicas e privadas em Portugal e no estrangeiro, incluindo a Coleção Alcatel-Lucent, o CEART – Centro de Arte Tomás y Valiente, em Madrid, e a Coleção S&A, no Porto. Entre as distinções recebidas, destacam-se o primeiro Prémio do Prémio de Artes Plásticas – Henrique Silva, em 2005.

Study sobre papel, 2020

Técnica mista
60x41cm

500€





ELIZABETH LEITE

(1982)

Em cada um de nós existiam todos os outros nasce de um lugar íntimo, onde a experiência pessoal se cruza com a memória coletiva. A pintura apresenta uma cena de aparente quotidiano, marcada por uma tensão emocional silenciosa entre as figuras. Sem água não há vida — esta ideia atravessa a composição como condição essencial de existência, ligação e continuidade. As figuras parecem partilhar uma mesma condição interior, numa interdependência subtil entre cuidado, espera e sobrevivência.

Entre observação e imaginação, a obra constrói um espaço onde realidade e ficção se entrelaçam. A cor, viva e gestual, intensifica a dimensão emocional da cena, propondo um estado onde os limites do eu se diluem no outro.

Elizabeth Leite nasceu em Caracas, Venezuela, em 1982, vivendo em Portugal desde 1989. Licenciada em Pintura pela ARCA-EUAC – Escola Universitária das Artes de Coimbra e pós-graduada em Comunicação Estética, desenvolve uma prática artística centrada na figura humana, na intimidade dos afetos e na construção de narrativas visuais entre o real e o imaginado.

A sua pintura, marcada por uma forte dimensão simbólica e emocional, cruza referências do quotidiano, da memória e da experiência pessoal, explorando temas ligados à identidade, fragilidade e condição humana. Expõe regularmente em Portugal, encontrando-se representada em várias galerias e coleções privadas.

Em cada um de nós, existiam todos os outros, 2021

Acrílico s/tela
150x150cm

3100€



GIL MAIA

(1974)

Nasceu na Maia, Portugal, em 1974 e licenciou-se em Pintura na FBAUP. Realizou diversas exposições individuais em Portugal e Espanha e participou também em exposições coletivas no Brasil e Macau. Participou em Feiras de Arte Contemporânea em Lisboa, Bolzano, Shangai e ArtMadrid e em concursos e bienais. Foi contemplado com um número significativo de Prémios de Pintura e distinguido com várias Menções Honrosas.

A pintura de Gil Maia desenvolve-se, desde os seus primórdios, num processo de constante mutação, seguindo caminhos ditados pela própria prática pictórica. O artista utiliza essencialmente a memória como instrumento fundamental, entendendo-a como meio de acesso a uma outra leitura da realidade e como impulso para a criação e transformação.

A sua pintura insiste na vertente poética da arte, sublinhando a importância da contemplação e do encontro com as coisas simples e essenciais da vida. Nesta perspetiva, integra-se igualmente a série AVULSO, que reúne obras livres de conceptualizações ou temas específicos, resultantes de uma vontade imediata de registo e expressão, onde a liberdade temática se afirma como princípio central.

Série AVULSO, 2025

Óleo s/papel

40x35cm

500€



REBIRTH - São Tomé e Príncipe, 2004

Impressão Fotográfica Glossy

25x20cm

Série limitada de 3 cópias

500€

HUGO DELGADO

(1975)

Hugo Delgado nasceu em 1975 em Braga e formou-se em Fotografia e Fotocomposição. Desenvolveu desde cedo um percurso destacado no fotojornalismo, colaborando com publicações nacionais e internacionais de referência, como Público, Time, The Guardian, El País e National Geographic.

Ao longo da sua carreira foi distinguido com vários prémios, entre os quais o primeiro prémio de fotojornalismo Visão/World Press Photo (2002), bem como múltiplas menções honrosas em concursos internacionais. Atualmente trabalha para a Agência Lusa e WAPA, mantendo uma presença contínua na imprensa e em projetos editoriais, com obra publicada e exposta internacionalmente desde 1998.

Esta obra integra um projeto fotográfico documental realizado em antigas colónias portuguesas, centrado nos eixos da educação, religião e saúde, com uma abordagem etnográfica e humanista da vida quotidiana no contexto pós-colonial. Em São Tomé e Príncipe, território de forte relevância histórica e identitária, o trabalho regista processos de transformação cultural e social.

A imagem capta uma criança a emergir da água em pleno movimento, num instante de forte intensidade vital e alegria espontânea. A luminosidade da água reforça a dimensão simbólica da cena, evocando o renascimento, a infância como liberdade e a experiência humana como partilha essencial com o mundo.

JOÃO ALEXADRINO JAS

(1981)

O artista português João Alexandrino, também conhecido como JAS, nasceu no Porto, em 1981. O seu trabalho desenvolve-se em diferentes campos e atividades artísticas, como instalação, performance, vídeo, pintura, cenografia e desenho. Foi um dos membros fundadores do Espaço INCUBADORA [2002-2007] em Vila Nova de Gaia [Portugal], onde apresentou instalações/exposições permanentes.

Atualmente, desenvolve diversos projetos individuais e em coautoria com outros artistas, tendo o vídeo e o desenho em tempo real como principais elementos de sua obra. Em 2013, fundou o projeto CAIXA Arte Contemporânea com a artista Manuela Pimentel.

No âmbito de outros projetos, o seu trabalho também foi exibido no estrangeiro, como em Hamburgo [Alemanha], Rouen [França], Barcelona [Espanha], Noruega, São Paulo [Brasil], Maputo [África], entre outros. Expõe individual e coletivamente desde 2000. Dirigiu várias curtas-metragens e vídeos experimentais. Atualmente, a sua obra está representada na coleção Berardo.

mountain thought / active side of consciousness, 2026

Serigrafia

Editado no Centro Português de Serigrafia

76x56cm

350€





JUAN DOMINGUES

(1981)

Juan Daniel Domingues, nasceu a 29 de maio de 1981 em Puerto Cabello, Venezuela. Ingressou na Escola Universitária de Artes ARCA|EUAC de Coimbra em 2001, onde estudou escultura, cerâmica, desenho, design e pintura. Demonstrou particular interesse e aptidão para o desenho e a pintura, passando a dedicar-se a essas técnicas como meio de expressão. Em 2007, graduou-se e começou a procurar inspiração em diferentes culturas e microculturas para as suas pinturas, abraçando a expressão visual dramática do rosto e do corpo, como num espelho, buscando a si mesmo no corpo dos modelos com quem trabalha.

A sua obra foi selecionada para diversos prémios de arte e integra coleções corporativas e privadas, como museus, embaixadas e fundações. Vive e trabalha em Coimbra, Portugal.

Na sua trajetória, o desenho afirma-se como linguagem central, entre o gesto gráfico e a construção de imaginários visuais de forte impacto poético.

Mia (estudo), 2010

Óleo s/tela
50x40cm

500€





JÚLIO CUNHA

(1964)

Júlio Cunha nasceu na Guarda, Portugal, em 1964. Vive e trabalha na Casa da Mó, em Amarante. É licenciado em Artes Plásticas – Pintura pela Escola Superior de Belas-Artes do Porto (1989) e mestre em Artes Plásticas (2012). Desenvolve, desde o início da década de 1980, uma prática artística continuada que articula criação, docência e curadoria.

Com um percurso de mais de quatro décadas, realizou mais de 30 exposições individuais e participou em mais de 200 exposições coletivas, em museus, centros de arte, galerias, bienais e feiras de arte, em Portugal e no estrangeiro. A sua obra centra-se na pintura, no desenho e na gravura, explorando a figura humana, o corpo e a memória através de sucessivos ciclos formais e conceptuais.

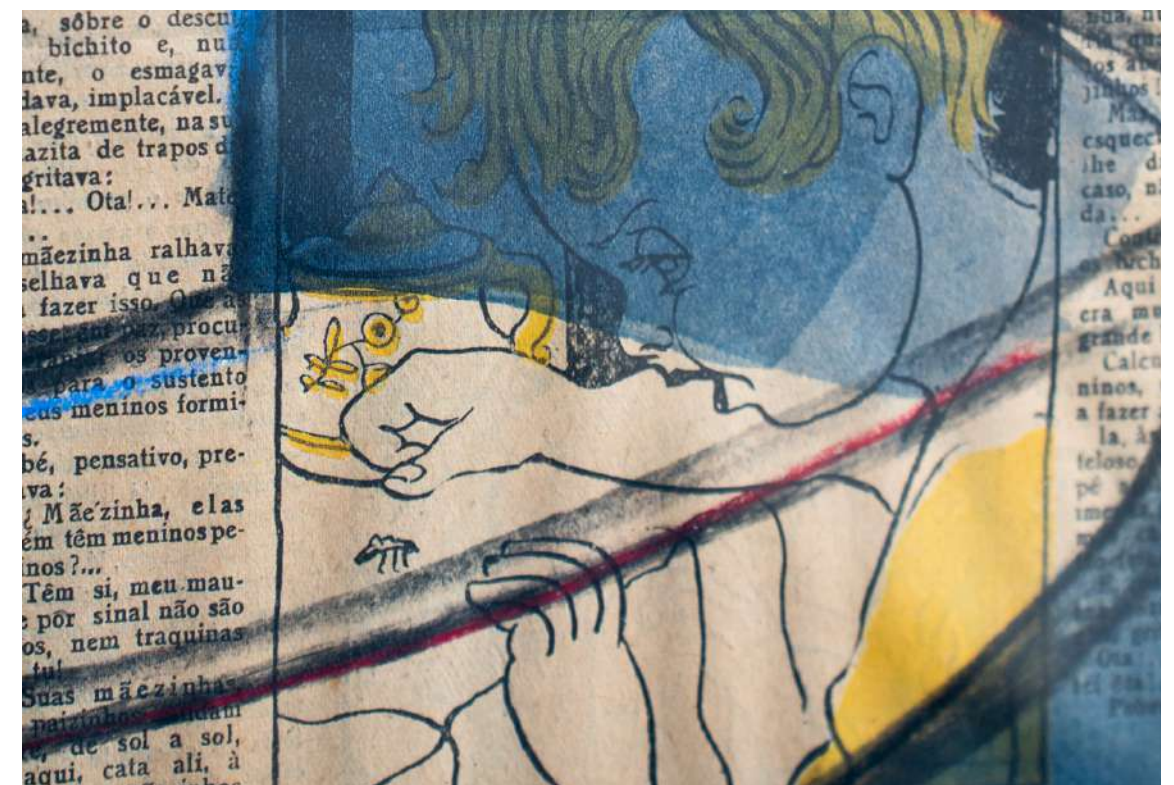
Participou em exposições e projetos em Espanha, França, Alemanha, Bélgica, Suíça, Itália, Holanda, Japão, Argentina, Chile e Brasil, incluindo feiras como ARCO Madrid, ART COLOGNE e EUROP'ART Genève. O seu trabalho integra coleções públicas e privadas.

Comédia de l'art II, 2015

Técnica mista s/jornal

55x45cm

250€



JÚLIO POMAR

(1926-2018)

Júlio Pomar é uma das figuras maiores da arte portuguesa contemporânea. Formado na Escola António Arroio e nas Escolas de Belas-Artes de Lisboa e do Porto, afirmou-se inicialmente no contexto do neorrealismo, mantendo desde cedo uma posição crítica face ao Estado Novo, que lhe valeu prisão política, censura e a ocultação de obras públicas, como os frescos do Cinema Batalha, no Porto.

Ao longo de mais de oito décadas de criação, desenvolveu uma obra marcada pela constante reinvenção formal e temática, atravessando pintura, desenho, gravura, cerâmica, escultura e assemblagem. Após a fixação em Paris, em 1963, consolidou uma projeção internacional refletida na participação na II Bienal de São Paulo (1953), em exposições no Museu do Louvre e em importantes mostras promovidas por instituições como a Fundação Calouste Gulbenkian e o Museu de Serralves.

Autor de obras incontornáveis como *O Almoço do Trolha*, *Gadanheiro*, *Varina Comendo Melancia*, *Abriliberdade* ou *Navio Negroiro*, Júlio Pomar conciliou compromisso social, experimentalismo plástico e uma linguagem intensamente expressiva. A sua obra pública inclui os painéis cerâmicos da Avenida Infante Santo e do Campo Grande, bem como a intervenção artística na estação de metro do Alto dos Moinhos, em Lisboa.

Porquinhos de Lambretta integra o universo iconográfico em que Pomar explora, com humor e liberdade gestual, a representação animal e a cultura popular. A obra evidencia o dinamismo, a teatralidade e a dimensão simbólica que caracterizam a maturidade da sua produção artística.

Porquinhos de Lambretta, 2000

Litografia

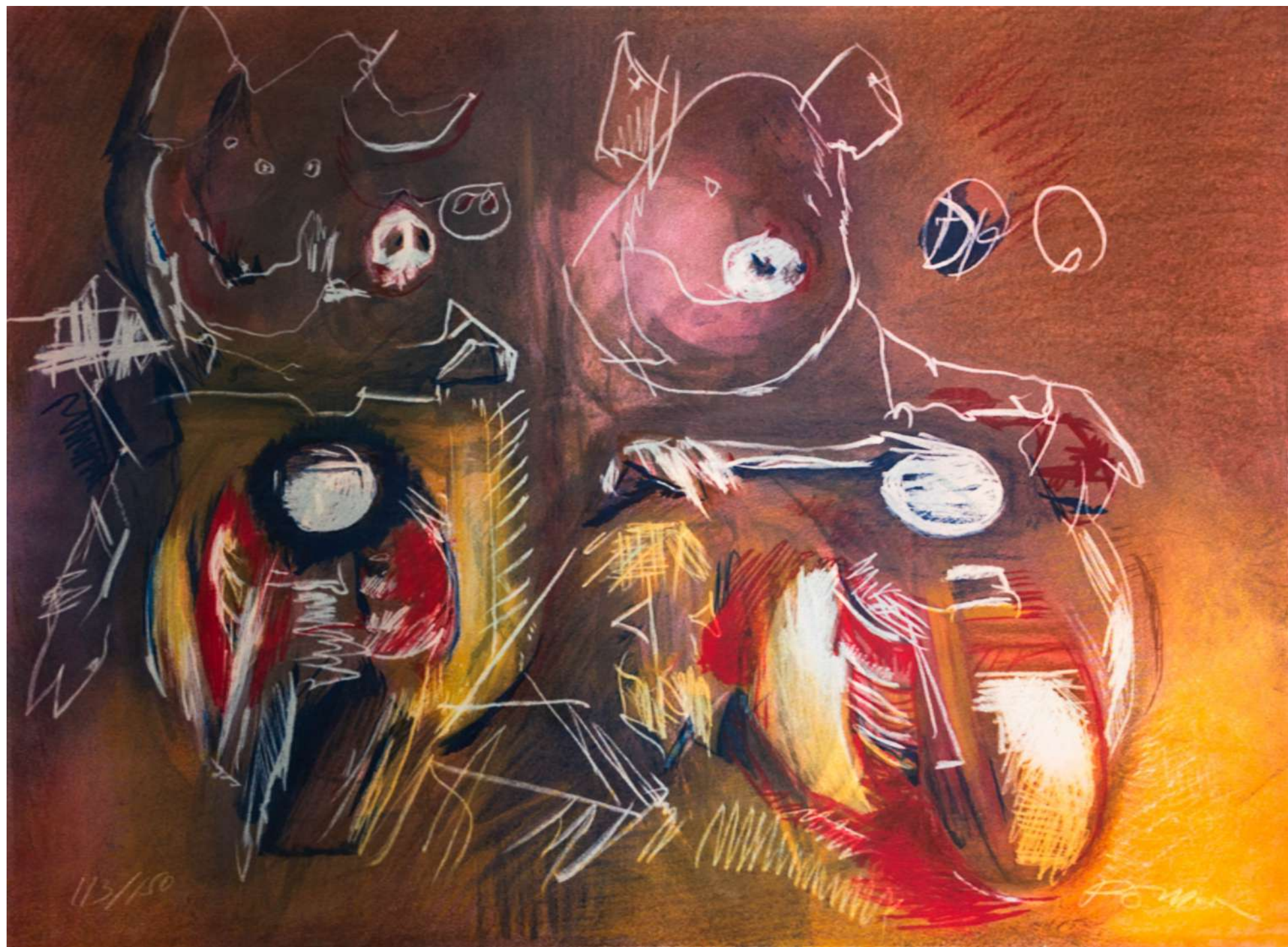
Atelier Art Estampe, Paris

Edição La Différence, Paris

Tiragem: 150 exemplares

Doado por Paulo Parreira da sua coleção particular

400€



LAUREN MAGANETE

(1970)

Lauren Maganete é uma fotógrafa portuguesa nascida em Bragança em 1970, com formação em Gestão e Administração de Empresas no Porto, tendo posteriormente desenvolvido o seu percurso na fotografia como prática artística e profissional. Desde 2009, trabalha regularmente como fotógrafa para a Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia e colabora como freelancer com diversas instituições e projetos culturais.

A sua obra tem circulação nacional e internacional, estando presente em exposições individuais e coletivas, e integrando coleções públicas e privadas. O seu trabalho centra-se numa abordagem documental e autoral, frequentemente associada ao tema da viagem, do território e da experiência do olhar, onde o registo fotográfico se constrói a partir da atenção ao instante e às relações entre espaço, memória e identidade.

A sua fotografia é descrita como um exercício de intensificação do real através do detalhe e da relação espaço-tempo, onde a imagem funciona como extensão da experiência vivida e do movimento contínuo do corpo no mundo.

Sem título, 2024

Fotografia s/papel Fujifilm Lustre, emoldurada
70X50cm

sob consulta





LUÍS CANÁRIO ROCHA

(1986)

Artista visual, co-fundador da Astronauta Associação Cultural à qual preside atualmente, e produtor cultural e cenógrafo da CARB - Cooperativa artística da Raia Beirã, a sua vida profissional divide-se entre Guimarães e as Beiras.

Fez a sua formação na faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto de 2005 a 2010 e tem exposto com regularidade, quer coletivamente quer de forma individual. Integra o coletivo artístico Madrôa. Na sua prática artística, desenvolve projetos de pintura, escultura, desenho, instalação e performance. Desde 2015 que a sua atividade se estendeu também para fora das galerias, através da arte pública e da cenografia. A sua paixão pelos materiais levou-o a uma experimentação alargada, começando por estender a sua prática artística à reutilização de madeiras e lonas despojadas. Conta já com várias intervenções urbanas no seu percurso, de destacar a pintura mural "(a)braços com o Mar" em Esposende, "D'Argas" em Cerveira, "Terceiro Tempo" em Fafe, "Bater, Moer, Esticar".

Em formato de coletivo com a artista Ana Duarte pode ver-se "Mergulho" e "Azulejos de Vento" no Município de Guimarães e "Ares da Serra" no Município da Guarda. Todas as intervenções em espaço público têm em conta o espaço envolvente e exploram os sentidos dos espectadores trazendo-os para a discussão dos temas em questão. Exploram visão contemporânea, tendo sempre o objetivo de inserir o local a interencionar na rota da visão artística dos dias de hoje.

Da Série Brinquedos de Pau - Favela/Cifrão, 2015
Técnica mista s/construção de madeira
100x50x5cm
1000€

MANECAS CAMELO

(1964)

Manecas Camelo nasceu em Braga, em 1964. Iniciou a sua formação académica em Design Industrial na Escola Superior de Artes e Design do Porto, tendo posteriormente aprofundado o Desenho e a Pintura na mesma instituição. Complementou o seu percurso com o Master Ibérico em "Dibujo e sus técnicas de expresión" na Universidade Politécnica de Valência, em Espanha.

Ao longo da sua carreira, realizou dezenas de exposições nacionais e internacionais, com uma obra amplamente disseminada. A sua pintura assenta numa prática gestual de matriz realista, construída através de um processo contínuo de experimentação, dúvida e depuração. Cada gesto, cada mancha e cada erro tornam-se parte integrante de uma busca persistente pela imagem idealizada, num percurso sempre inacabado e em renovação constante.

Na obra "Sob o Sino e a Culpabilidade", o artista desenvolve uma reflexão crítica sobre o poder e o sagrado, onde o espaço religioso surge como dispositivo simbólico de disciplina e controlo. A composição confronta autoridade, culpa e fragilidade humana, expondo um teatro moral em que o sagrado não liberta, mas vigia e estrutura os corpos e consciências.

A sua prática artística revela, assim, uma tensão permanente entre construção e desconstrução, onde a pintura se afirma como processo e como questionamento contínuo da condição humana.

Sob o Sino e a culpabilidade, 2025

Acrílico s/ Tela
120x120cm

1300€





MANUELA PIMENTEL

(1979)

A pintura de Manuela Pimentel nasce do desconforto, do inconformismo, da contestação e da resistência, ou da persistência em viver da e para a arte. Resulta também de um olhar generoso sobre a beleza do mundo e das pequenas alegrias do quotidiano. O que nela transparece é, sobretudo, a dissonância: a beleza e o desconforto, o equilíbrio e a instabilidade, o conforto e a perturbação.

Propõe uma morada poética no mundo. Mais do que um projeto fechado, este trabalho afirma-se como processo em curso, um exercício de olhar, tentativa e erro, um jogo de pensamento que interroga e perturba o espectador.

Manuela Pimentel encontra nas ruas o caminho, a inspiração e a matéria do seu trabalho. Os cartazes arrancados das paredes são transformados em azulejos, criando uma relação simultaneamente familiar e estranha com quem os observa. É nesse cruzamento entre o que está dentro e o que está fora que procura uma constante metamorfose da imagem.

Fragmentos da realidade são reunidos e reorganizados numa única linguagem, num processo de colagem e reconstrução visual. O resultado são obras que parecem nunca estar terminadas, sempre abertas a nova leitura, sempre em tensão entre o que mostram e o que escondem.

A força vem da palavra arrancada das paredes. Esta pequena obra nasce como uma reinterpretação da "figura avulso", tal como é tradicionalmente reconhecida nos antigos azulejos portugueses, onde surgem motivos singulares como uma flor ou um objeto.

sabias que as paredes têm ouvidos?, 2026

Acrílico e verniz s/cartazes de rua
14x14x5cm

265€

MARGARIDA MAGALHÃES

(2000)

Margarida Magalhães é fotógrafa e mestre em Media Arts. Com formação que cruza Artes Digitais e Multimédia, desenvolve o seu trabalho na interseção entre o rigor técnico e a sensibilidade emocional. A sua prática abraça todo o ciclo criativo, procurando "atrás das câmaras", a identidade das histórias na sua forma mais autêntica.

O percurso da fotógrafa encontra aqui materialização em "Mozzafiato", num sopro que atravessa o espaço e o tempo, e neles permanece suspenso. Pendente no vazio e abraçada por uma luz dramática, Giorgio Armani concretizou uma peça teatral inspirada na expressão de Maria Callas, convocando o seu espírito.

Mozzafiato, 2024

Fotografia s/papel Fujifilm Lustre, emoldurada
30x20cm

250€





***As Barbas do Pirata*, 2026**
Tinta plástica e colagem s/madeira e papel
30x25x4cm
250€

MIGUEL NEVES OLIVEIRA

(1980)

A obra pertence a uma série, em que o autor explora a colagem como meio para confrontar o papel com a madeira, fazendo surgir um universo ínfantilo-surrealista.

Miguel Neves Oliveira nasceu em 1980, na Vila de Cucujães. Desde 2000 realiza exposições individuais e coletivas em Portugal e algumas coletivas em Espanha. Há 10 anos que se dedica totalmente às artes plásticas.

Madeira, ferro e pedra são os principais materiais que o artista Miguel Neves Oliveira utiliza para expressar os seus sentimentos e pensamentos contemporâneos sobre o mundo que o cerca. Diferentes tempos os formaram, e combiná-los é trazer um pedaço da nossa origem, da nossa existência. Árvores, montanhas, céu, terra, sol, rebentos que brotam e o ser humano no seu interior, envolvido nesta magnífica vida. Esse é o tema constante na sua obra. Espontâneo mas denso, criativo mas conservador, profundo, eis as características do seu trabalho.

Embora tenha trabalhos sobre tela, atualmente executa as suas peças em madeira confrontando-a com outros materiais como tinta plástica, pigmentos, resinas, esmaltes.... Estes diferentes materiais e técnicas permitem confrontar linguagens diversas que, ao se envolverem, criam uma unidade, uma força, que é a obra em si. Esta assume a sua existência, deixando o observador envolver-se nesta procura constante pelo mistério de estar vivo.

PEDRO FIGUEIREDO

(1974)

O umbigo, o nosso "eu" é neste fragmento substituído pelo espelho, símbolo máximo de eternidade. Se reflete a imagem de um Bombeiro é porque permanece eternamente diante dele. Esse reflexo também posso ser eu (autor), talvez sejas tu, os outros ou então todos. Nesse círculo mágico cabemos todos nas horas de aflição, e o Bombeiro que outrora foi reflexo é agora um Anjo que eu, tu, nós, todos chamamos.

Pedro Figueiredo (Guarda, 1974) é um escultor português cuja obra se desenvolve sobretudo no campo da escultura figurativa contemporânea. A sua linguagem plástica afasta-se do naturalismo, recorrendo a deformações expressivas da figura humana — proporções alongadas, volumes simplificados e acentuação simbólica de certos elementos anatómicos — criando presenças escultóricas entre o reconhecível e o imaginário.

Destaca-se a coerência do seu percurso e a construção de uma gramática formal própria, onde a figura surge como veículo de significados poéticos e metafísicos, mais do que como representação literal do corpo. O seu trabalho articula-se frequentemente entre o surreal e o arquetípico, sugerindo estados emocionais e dimensões simbólicas ligadas à condição humana.



Chamas um Anjo, 2026
Escultura em resina de polyester
e vidro
80x50x10cm
450€



RAFI DIE ERSTE

RafidieErste

17/55

RAFI DIE ERSTE

(1977)

Nasceu no Porto, onde estudou Ballet Clássico pela Royal Academy of Dance e obteve um Mestrado em Arquitetura. O primeiro contacto com o Graffiti aconteceu em 2003, em Lisboa, através de amigos ligados à vanguarda do movimento Hip Hop em Portugal, numa altura em que dava também os primeiros passos como arquiteta.

Em 2006 recebeu o primeiro prémio no Concurso de Arquitetura "Sache - A Baixa do Porto", pela reabilitação de um edifício no centro histórico da cidade. Em 2007 escreveu uma dissertação de mestrado sobre a Alienação na cidade contemporânea e o fenómeno do Graffiti enquanto subproduto desta.

Em Dezembro de 2011 abriu a Dedicated Store Porto, a primeira loja da cidade dedicada ao Graffiti e Street Art, projecto que manteve durante 11 anos e através do qual organizou encontros internacionais e diversos eventos culturais de promoção da Arte Urbana.

Em 2015 integrou as Stick Up Girlz, a primeira Crew Internacional e Feminina de Graffiti. Mais tarde, em 2021, desenvolveu em Cabo Verde um projecto de promoção de direitos e participação activa de jovens mulheres, dando continuidade ao trabalho humanitário que tem vindo a desenvolver nas áreas da Igualdade de Género e Empoderamento. Em 2023 foi distinguida com a Medalha de Mérito da Cidade do Porto.

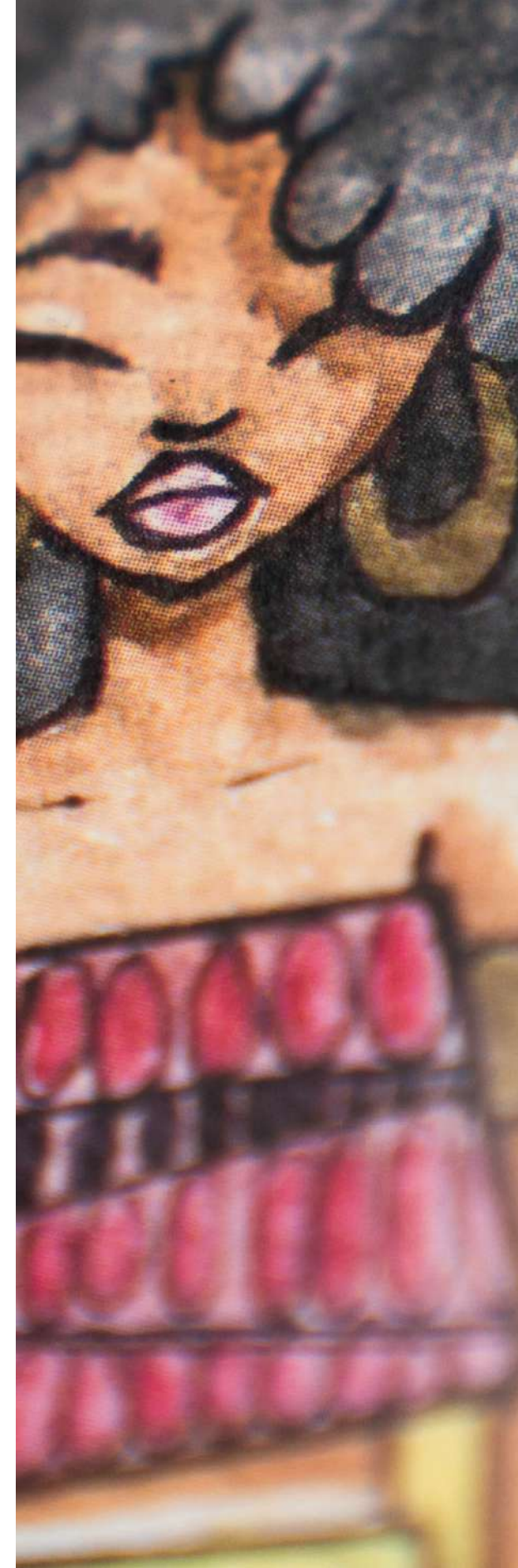
Actualmente, divide-se entre projectos humanitários e a criação artística, através da pintura de murais e telas, ilustração e romances gráficos. O seu trabalho cruza memória, identidade e auto-representação, transformando a dor em propósito através de poemas visuais que procuram representar a Ordem no Caos.

Acredita na Arte enquanto ferramenta de criação de memórias felizes, construção de Valor-Próprio e fortalecimento das ligações humanas, procurando que a sua persistência inspire outros a viverem nos seus próprios termos.

Behold I'mPossible, 2021

Tinta e aguarela s/papel
21x13,5cm

100€



RICARDO DE CAMPOS

(1977)

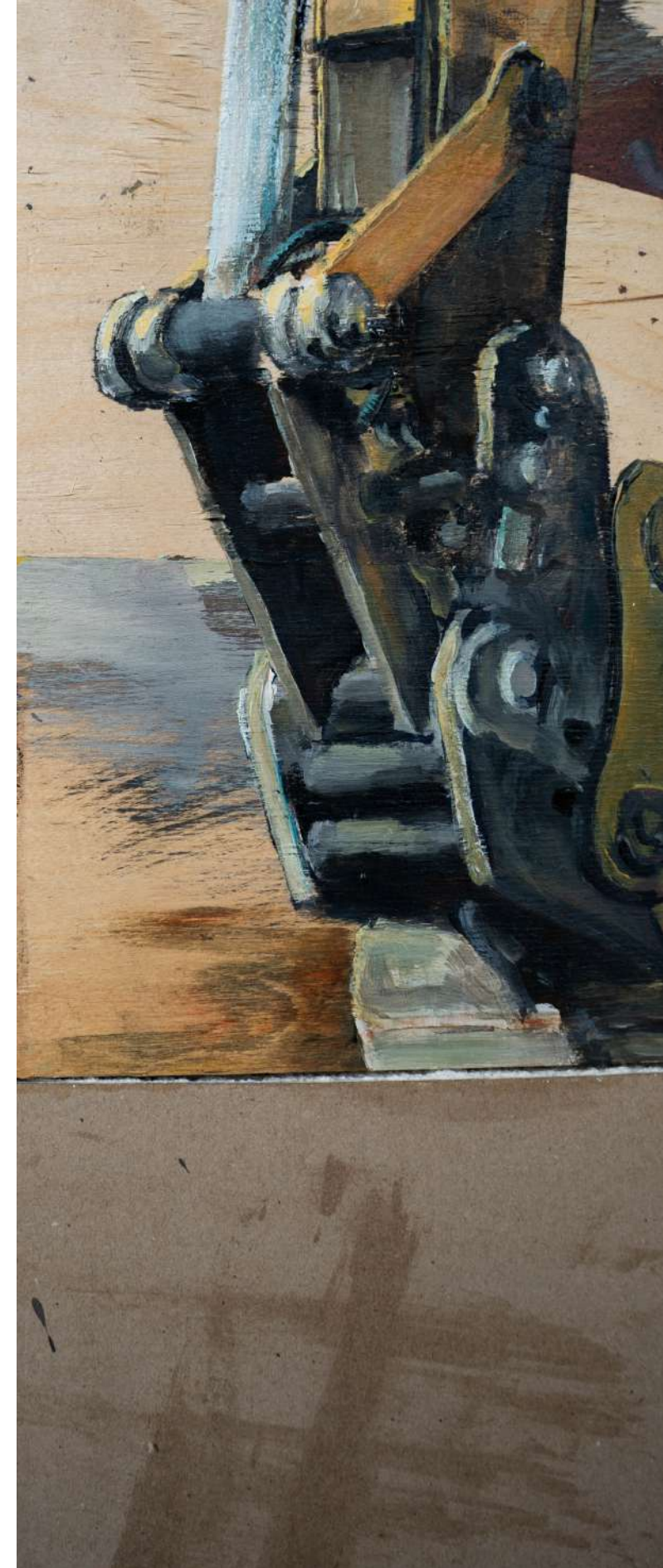
O trabalho de Ricardo de Campos constrói-se na fronteira entre memória, território e transformação. Natural de Monção, o artista desenvolve uma linguagem visual marcada pela matéria, pela fragmentação e pela evocação poética da paisagem contemporânea. Através da pintura, explora vestígios arquitetônicos, estruturas industriais e narrativas silenciosas que revelam a relação entre o tempo, o espaço e a presença humana. Com um percurso consolidado em exposições nacionais e internacionais, Ricardo de Campos afirma-se como uma voz singular da arte contemporânea portuguesa.



Este trabalho faz parte da investigação pictórica que o autor vem desenvolvendo ao longo dos últimos anos, derivando de uma série de paisagens inspiradas no conceito pós apocalíptico de ruína de um futuro próximo. Essas paisagens são espaços desolados, que apesar do dramatismo expressivo, têm um toque irreal de antiga paisagem japonesa de calma aparente, como a percebida no olho do furacão ou na antecâmara do desastre natural.

A máquina surge enquanto exosqueleto que se mostra vazia de humanidade. Pronta para ser usada, manipulada e dirigida... mas sem ninguém que a conduza. Mas nem tudo é drama. Esta máquina remete para uma infância de jogo, escavadoras pesadas cheias de cor e possibilidades mecânicas. O dramatismo da reminiscência pop acrescenta um toque de frivolidade que equilibra o discurso.

Paisagem em construção, 2025
Acrílico, carvão e grafite sobre diversos materiais
111x81,5 cm
900€

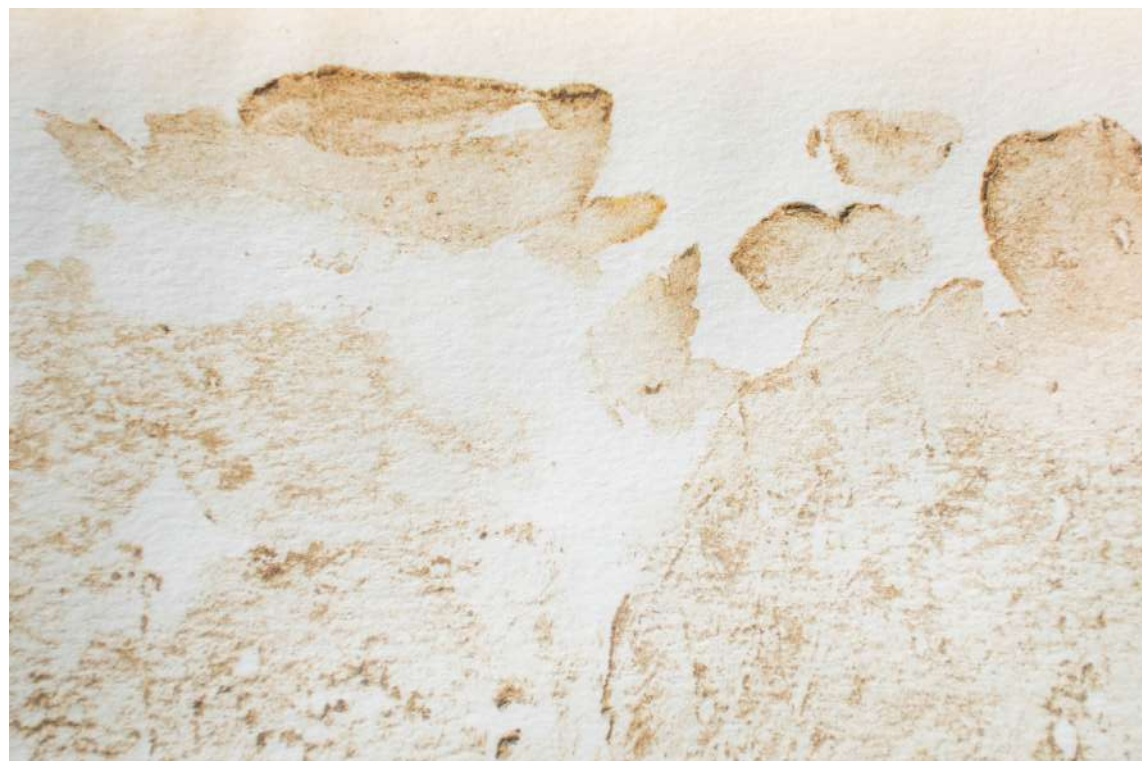


RICARDO PACHECO

(1988)

A prática de Ricardo Pacheco desenvolve-se na confluência entre o Desenho e a Escultura, dois territórios que na sua obra se articulam de forma natural e consequente. Este trabalho parte de um gesto simultaneamente simples e revelador: a impressão direta do barro de modelação sobre o papel. Mais do que uma transferência de matéria, o resultado é um registo da prática escultórica — a textura, o toque e o tempo depositados no barro durante a modelação tornam-se agora imagem, fixando na superfície do papel a memória do processo que lhe deu origem.

nos sou, 2013
Barro s/papel
70x50cm
300€



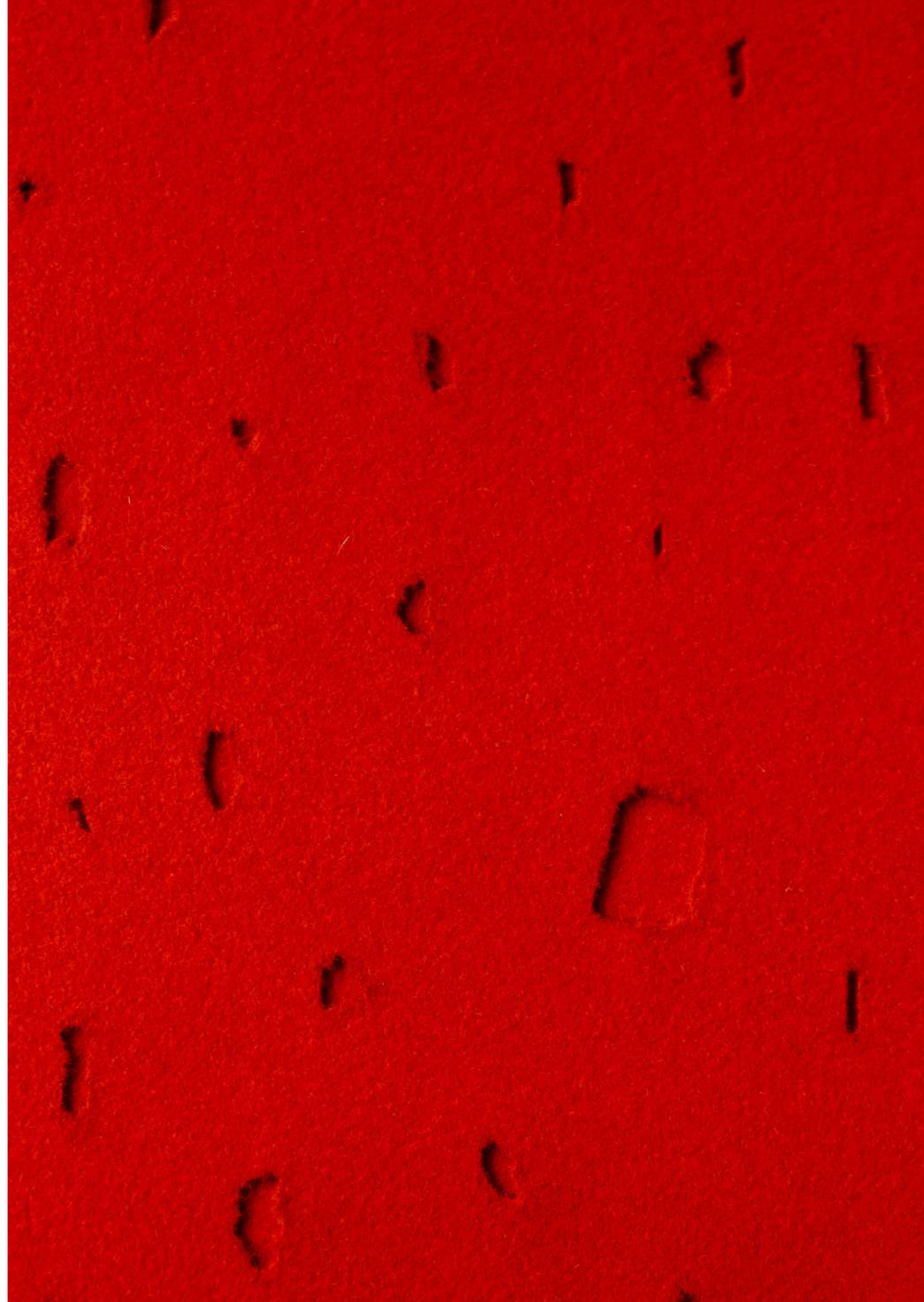
SANDRA BAÍA

(1968)

A obra de Sandra Baía desenvolve-se a partir de uma investigação sensível sobre memória, identidade e relação com o território. Através de uma linguagem plástica marcada pela subtileza cromática e pela dimensão poética da matéria, a artista constrói composições que convidam à contemplação e à introspeção. O seu trabalho cruza frequentemente elementos orgânicos e abstratos, revelando uma atenção particular aos ritmos naturais, às emoções e às marcas do tempo. Com presença regular em exposições e projetos culturais, Sandra Baía afirma um percurso artístico consistente no panorama contemporâneo português.



Untitled, 2026
Papel / Flock Paint
30x21cm
400€



VICTOR COSTA

(1958)

Num mundo de inúmeras contradições e incertezas permanentes, o homem debate-se constantemente com a iminência do caos, com o perpetuar da guerra, com a cultura do ódio. Não há racionalidade que configure o nosso dia-a-dia, nem sequer um horizonte que nos ligue e atraia.

Na era da informática, da robótica, da Inteligência Artificial (IA), o nosso futuro e sobrevivência dependerão quase em exclusivo da nossa capacidade emocional. As emoções, diferenciarmos-nos das máquinas e a nossa capacidade de sentir e amar, conferir-nos-á identidade.

Trabalhada na tela, está a dimensão cósmica, que o artista assume essencial à nossa sobrevivência. O emocional sobrepõe-se ao racional. A dinâmica cósmica, os algoritmos e a IA sucumbirão ao essencial - o amor.



Nascido em Coimbra, Víctor Costa vive e trabalha no seu atelier-galeria em Almalaguês. Expõe regularmente desde 1978. Representado em coleções particulares e institucionais, públicas e privadas, tem sido reconhecido em Portugal e no estrangeiro. A sua expressão plástica, foi caracterizada pela revista International Artist, em abril de 2015 como «abstração emocional».

A explosão cromática assume-se numa dinâmica plástica, onde a textura confere corpo e essência, ou a escrita assenta, ao invés, em nuances cromáticas ténues em intrincadas teias de quadrículas sobrepostas, e linhas rasgadas às tintas pela espátula, numa gestualidade dialética de emoções.

O Amor vence sempre, 2016

Acrílico s/tela
100x100x4cm

300€

**JUNTOS
SOMOS
HERÓIS**

JUNTOS SOMOS HERÓIS 2026

EDIÇÃO

Título do Catálogo: Juntos Somos Heróis 2026

Coordenação editorial: Cândida Pinto

Curadoria: Vasco Quintas

Fotografia: Margarida Magalhães

Design Gráfico: José Paiva

Paginação: José Paiva

Revisão: Beatriz Ferreira e Cândida Pinto

Gestão do projeto: Pedro Faria

Textos: Capitão António Miguel Ferreira (Presidente da Direção dos Bombeiros Voluntários de Braga), Vasco Quintas (Curador), Cândida Pinto (Diretora Criativa)

Imagem da capa: "Série "AVULSO", 2025 - Gil Maia

Impressão: Tipografia Tadinense

Tiragem: 250 exemplares

Entidade Editora: Besible Agência de Marketing e Comunicação

Morada: R. Manuel Ferreira Araújo 17, 4705-258 Braga

Contacto: (351) 960 048 295 geral@besible.pt

EXPOSIÇÃO

Título: Juntos Somos Heróis

Curadoria: Vasco Quintas

Coordenação: Cândida Pinto

Local: Rua dos Soldados da Paz, 4705-162, Braga

AGRADECIMENTOS ESPECIAIS

Hotel Vila Galé Collection
Tipografia Tadinense